



## **ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOERÕES**

**FILIAÇÃO:** Alexander Voerões Toth e Carmen Ibsen Chateau.

**DATA E LOCAL DE NASCIMENTO:** 5/7/1952, Santiago, Chile

**ATUAÇÃO PROFISSIONAL:** estudante

**ATUAÇÃO POLÍTICA:** Movimento de Libertação Popular (Molipo)

**DATA E LOCAL DE MORTE:** 27/2/1972, São Paulo (SP)

### **BIOGRAFIA**

Alexander José Ibsen Voerões, filho de pai húngaro e mãe chilena, nasceu no dia 5 de julho de 1952, em Santiago de Chile. Sua família mudou-se para o Brasil ainda em agosto de 1952. Iniciou os estudos na extinta EEPSP Thomaz Galhardo, situada na capital do estado de São Paulo, em 1959, onde permaneceu até completar o antigo ensino primário. Coursou o então ginásio em três colégios: Ginásio e Escola Técnica de Comércio Mário Andrade, Grupo Escolar Pereira Barreto e no Colégio Campos Salles, todos em São Paulo, diplomando-se no último em 19 de fevereiro de 1968. No ano de 1970 ganhou uma bolsa de estudo integral no Centro de Estudos Filo-Juris para candidatar-se ao curso de Biologia da Universidade de São Paulo. Nessa época começou a militância política na Ação Libertadora Nacional (ALN) e, posteriormente, ingressou no Movimento de Libertação Popular (Molipo). Foi um dos organizadores do XXX Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE), em Ibiúna, tendo sido detido nesta ocasião. Morreu em 27 de fevereiro 1972, aos 19 anos, na mesma ocasião de Lauriberto José Reyes, em ação perpetrada por agentes do Estado.

### **CONSIDERAÇÃO SOBRE O CASO ATÉ A INSTITUIÇÃO DA CNV**

Alexander José Ibsen Voerões foi reconhecido como morto por razões políticas pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos

Políticos (CEMDP). Seu nome consta no *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos no Brasil (1964-1985)*, organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Em 2014, a Universidade de São Paulo e a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” homenagearam Alexander José Ibsen Voerões com uma placa no Auditório da Escola de Aplicação, escola onde estudou nos anos 1960. No mesmo ato, a Comissão da Anistia do Ministério da Justiça o reconheceu como “anistiado político *post mortem*”, onde o Estado brasileiro apresentou “o pedido de desculpas pela perseguição sistemática imposta pelo regime autoritário”. As circunstâncias de sua morte é atualmente objeto de investigação pelo Grupo de Trabalho Justiça de Transição (Atividades de Persecução Penal desenvolvidas pelo Ministério Público Federal).

### **CIRCUNSTÂNCIAS DE MORTE**

A família de Alexander conhecia o espírito inquieto do filho, mas não sabia de seu engajamento em lutas sociais e políticas, por isso foi tomada de surpresa em outubro de 1971 quando, de acordo com relato de dona Carmen, mãe de Alexander, à CEMDP,

um grupo de policiais fortemente armados, inclusive com metralhadoras, chegou em nossa casa buscando-o e acusando-o de subversivo. Revista-

ram especialmente seu quarto, levaram certos documentos, todos trabalhos escolares, inclusive sobre a Hungria, pátria do pai [...] Não nos devolveram nenhum documento.

Por essa época, Alexander já estava envolvido na luta contra a ditadura, tendo ingressado no Molipo (Movimento de Libertação Popular) e estava sendo perseguido.

Alexander Ibsen morreu no dia 27 de fevereiro de 1972. Segundo a versão divulgada pela repressão, Alexander e seu companheiro de militância, Lauriberto José Reyes teriam sido mortos em tiroteio com policiais. Nesta situação, um morador do local, Napoleão Felipe Biscaldi, também teria sido atingido pelas balas e morrido. Em nota do jornal *Folha de S. Paulo*, de 29 de fevereiro de 1972, os militantes foram responsabilizados pelo tiro que levou Napoleão à morte.

Alexander e Lauriberto foram examinados pelos legistas Isaac Abramovitch e Walter Sayegque, que confirmaram as versões sobre as mortes decorrentes de confronto armado. O laudo de Napoleão Biscaldi foi assinado por outro legista, Paulo Altenfelder. Nas requisições de exame ao Instituto Médico-Legal de São Paulo (IML/SP), solicitadas pelo DOPS/SP há a letra *T* manuscrita, uma estratégia utilizada na época para indicar que se tratava de corpos de militante, chamados de terroristas pelos órgãos da repressão. O laudo de exame de corpo de delito de Alexander descreve dois orifícios provocados por projéteis de arma de fogo no rosto, um no pescoço, que transfixou o tórax, perfurando o pulmão, e um quarto orifício com entrada no antebraço direito. Encontrou-se igualmente orifícios no osso frontal do crânio, lacerações do parênquima encefálico, hemorragia subdural e orifício no osso occipital. No tronco, encontrou-se também hemorragia interna.

Passados mais de 40 anos, investigações sobre esse episódio revelaram a existência de vários elementos que permitem apontar que a versão divulgada à época não se sustenta. Apesar de resultar em violenta ação policial,

não foi realizada à época nenhuma perícia que permitisse a comprovação do suposto tiroteio. Ao examinar os documentos do caso, a CEMDP considerou as mortes dos militantes como um caso de execução.

No período de investigações da CEMDP a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos visitou o local do crime para levantar informações sobre o caso com os moradores da região. A execução dos militantes foi vista por toda a vizinhança e nos depoimentos foram recolhidas informações de que já havia sido preparada uma emboscada para os militantes que, conforme contam, teriam tentado fugir, mas não estavam armados, nem teriam regido. De acordo com o depoimento de Adalberto Barreiro, que na época dos fatos residia em rua paralela ao local do suposto tiroteio, havia um

jovem que tentava correr, mancando e segurando a perna, quando passou um Opala branco com policiais armados de metralhadora, com metade do corpo para fora do carro, atirando. Primeiro, atingiram Napoleão Felipe Biscaldi – um funcionário público aposentado antigo morador da (Serra de) Botucatu, que atravessava a rua; depois balearam o rapaz que mancava. O rapaz aparentemente foi morto na hora. Os policiais o jogaram no porta-malas do carro. As ruas estavam cercadas de policiais.

Adalberto também contou que viu uma moça japonesa presa dentro do Opala e que os policiais comentavam que outro militante também tinha sido morto no outro quarteirão.

Outro depoimento recolhido pelos membros da Comissão de Familiares foi prestado por Maria Celeste Matos, também antiga moradora do local. Com muito medo ainda, ela narrou que naquele domingo o Esquadrão da Morte comandou a ação militar que fez um cerco em toda a extensão da rua. De acordo com ela seu filho e o de Napoleão estavam jogando bola juntos quando ocorreu o tiroteio. Ao chamar o filho para casa ela e o marido ha-

viam visto um menino ser morto e colocado no porta-malas do carro da polícia. Imaginando que fosse o filho deles, seu marido falou com o Esquadrão da Morte e ficou perto do carro até que os policiais abriram o porta-malas e mostraram não se tratar do seu filho. Nessa ocasião, os policiais lhes teriam informado tratar-se do corpo de um “terrorista”. Segundo relato dos moradores, que presenciaram o episódio, ao contrário da falsa versão divulgada à época, nenhum dos militantes chegou a sacar a arma.

Em virtude de determinação policial, Alexander foi enterrado pela família em 1º de março de 1972 em caixão lacrado, no Cemitério da Saudade, Em São Paulo. Seu velório e sepultamento foram acompanhados por mais de cinquenta pessoas, inclusive por agentes do DOPS/SP.

## LOCAL DE MORTE

Rua Serra de Botucatu, bairro de Tatuapé, município de São Paulo, SP.

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORIA

### 1. CADEIA DE COMANDO DO(S) ÓRGÃO(S) ENVOLVIDO(S) NA MORTE

#### 1.1. DOI DO II EXÉRCITO

**Presidente da República:** general de Exército Emílio Garrastazu Médici

**Ministro do Exército:** general de Exército Orlando Beckmann Geisel

**Chefe do CIE:** general Milton Tavares de Souza

**Comandante do II Exército:** general Humberto de Souza Mello

**Chefe do Estado Maior do II Exército:** Ernani Ayrosa da Silva

**Chefe do DOI-CODI II Exército:** major Carlos Alberto Brilhante Ustra

**Investigador do DOI-CODI II:** Dirceu Gravina

### 2. AUTORIA DE GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

| NOME               | ÓRGÃO   | FUNÇÃO             | CONDUTA PRATICADA PELO AGENTE                                           | LOCAL DA GRAVE VIOLAÇÃO | FONTE DOCUMENTAL/TESTEMUNHAL SOBRE A AUTORIA |
|--------------------|---------|--------------------|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------|----------------------------------------------|
| Isaac Abramovitch. | IML/SP. | Médico-legista.    | Falsificação de laudo do exame necroscópico.                            | IML.                    | Exame necroscópico.                          |
| Walter Sayeg.      | IML/SP. | Médico-legista.    | Falsificação de laudo do exame necroscópico.                            | IML.                    | Exame necroscópico.                          |
| Arnaldo Siqueira.  | IML/SP. | Diretor do IML/SP. | Responsável pela requisição do laudo do Exame Necroscópico fraudulento. | IML.                    | Requisição de exame necroscópico.            |

## FONTES PRINCIPAIS DE INVESTIGAÇÃO

### 1. DOCUMENTOS QUE ELUCIDAM CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL  | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO         | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO | INFORMAÇÕES RELEVANTES                                            |
|------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92. | Mandato de Prisão, 13/1/1972.      | DOPS/SP.                    | Prova de que havia perseguição.                                   |
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92. | Relatório de Vigilância, 1/3/1972. | DOPS/SP.                    | Prova de interesse em evitar a publicidade da morte do militante. |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL                        | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO                                                                                          | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                                  | INFORMAÇÕES RELEVANTES                                                                                           |
|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92.                       | Laudo Necroscópico e Requisição de Laudo Necroscópico, 7/3/1972.                                                    | IML/SP.                                                      | Registro da falsa versão da morte.                                                                               |
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92.                       | Certidão de óbito, 29/2/1972.                                                                                       | Cartório do Registro Civil, 20º subdistrito, Jardim América. | Registro da falsa versão da morte e do local de sepultamento.                                                    |
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92.                       | Ata e Voto da Comissão da Anistia, 2014.                                                                            | Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.                | Análise sobre as circunstâncias de morte.                                                                        |
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92.                       | Requerimento da família à Comissão da Anistia para reconhecimento de Alexander como anistiado político, 17/12/2013. | Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.                | Análise sobre as circunstâncias de morte.                                                                        |
| Arquivo CNV, 00092.002913/2014-92.                       | Carta de Carmen Voerões, 20/10/1999.                                                                                | Carmen Voerões.                                              | Relata a invasão de policiais na sua asa a procura do filho.                                                     |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0054_0010, p. 3. | Requerimento da família de Lauriberto à Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 4/12/1995.        | CEMDP.                                                       | Trecho de nota do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> que divulga versão oficial da morte divulgada pelos militares. |

## 2. TESTEMUNHOS À CNV E ÀS COMISSÕES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E SETORIAIS

| IDENTIFICAÇÃO DA TESTEMUNHA | FONTE                                                                                                                      | INFORMAÇÕES RELEVANTES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Maria Amélia Teles.         | Testemunho prestado perante a Comissão Estadual da Verdade de São Paulo “Rubens Paiva”. 118ª Audiência Pública, 20/3/2014. | Relata que realizou investigações na rua em que houve o assassinato. Conversou com três pessoas (Adalberto Barreiro, vizinho da rua desde a época dos fatos, Maria Celeste Matos, amiga e vizinha de Napoleão, Avelina Ruiz, vizinha de rua de Napoleão) que relataram os fatos ocorridos no dia. Os três informam que não houve tiroteio entre o militante Alexander e a polícia, e sim que a polícia atirou a queima roupa e que acertou Napoleão, que assustado com o barulho das balas, tinha saído à rua atrás de seu filho que jogava futebol nas proximidades. Contam ainda que o corpo de Napoleão ficou estendido na rua por cerca de 5 horas até a chegada do IML. |

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante das circunstâncias do caso e das investigações realizadas, pode-se concluir que Alexander Ibsen Voerões foi executado por agentes do Estado brasileiro em um contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar implantada no país a partir de abril de 1964.

Recomenda-se a retificação da certidão de óbito de Alexander Ibsen Voerões, assim como a continuidade das investigações sobre as circunstâncias do caso, para a identificação e responsabilização dos demais agentes envolvidos.